



A POUCA IDENTIFICAÇÃO DOS EDUCANDOS COM A CIDADE DO RIO GRANDE/RS

Rogério Amaral Pereira
Universidade Federal do Paraná

Resumo

O presente estudo é resultado de observações e de vivências docente de fatos ocorridos em sala de aula, ou seja, a dificuldade de articulação dos educandos com o local nas aulas da disciplina de Geografia, em especial, discentes do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública de Ensino localizada na área central da cidade do Rio Grande/RS. Assim, na disciplina de Geografia por ser uma ciência ampla, abarca uma série de assuntos relacionados ao cotidiano sendo ela, um dos pontos fundamentais do cerne do estudo que tem como questão primordial: Qual(is) o(s) fator(es) que configura(m) a falta de percepção com o local pelos educandos? Dentro deste contexto, buscou-se demonstrar, de forma concisa e expositiva, fatores associados a pouca identificação destes educandos com o local. Ponto originado também da globalidade presente sobre o espaço escolar concretizado na sala de aula. Neste percurso educativo, o estudo, apresenta como proposta: (a) a Investigação na forma metodologia dos educadores nas aulas das turmas que compõe a pesquisa de campo; (b) a compreensão dos acontecimentos das massificações culturais oriundas da globalidade presente sobre o espaço escolar e concretizada na sala de aula

Palavras-chave: educandos; pouca identificação; escola.

FEW IDENTIFICATION OF STUDENTS WHIT THE CITY OF RIO GRANDE/RS

Abstract

The present study is a result of observations and the teaching experiences of happenings in classroom, or rather, the difficulty of articulation of the students with the place in the classes of Geography, specially, high school students from a public school situated in downtown of Rio Grande/RS. Then, in geography course as a wide science, involves a series of subjects related to everyday being that subject, one of the fundamental points of the core of the study with a main question: What are the factor(s) that configure the absence of perception of the place by the students? In this context, we tried to demonstrate, in a concise and expositive way, the factors associated with few identification of these students

with the place. This point was also originated from the present globality on the school space implemented in the classroom. In this educative way, the case study, presents as a proposal: (a) the investigation in the methodological form of the teachers in the rooms of the groups that constitute the field research; (b) the comprehension of the happenings of the cultural massifications from the present globality about the school space and implemented in the classroom.

Keywords: students; few identification; school.

INTRODUÇÃO

A metodologia docente deve ser pautada através do que apresenta o espaço escolar envolto ao educador, em outras palavras através do seu olhar refinado sobre o ambiente escolar, e principalmente, sobre o seu recorte mais íntimo na relação de ensino/aprendizagem, educando/educador, que é a sala de aula. Diante deste fato, que foi impulsionado este estudo. Assim, na cidade do Rio Grande (FIGURA 1), situada ao sul do estado do Rio Grande do Sul, manifestada popularmente como “Noiva do Mar”, devido a sua estreita relação com os corpos hídricos que a cercam, como: Canal do Norte, que exerce comunicação com as águas oriundas da Lagoa dos Patos e a Praia do Cassino, forma uma identificação sólida, mas que por si só alguns estudantes não conseguem estabelecer uma relação de identificação com ela. Este recorte espacial configura-se dentro da planície costeira, situada no sul do litoral brasileiro, cuja formação representa geomorficamente em uma península.

Com isso, a cidade do Rio Grande, fundada em 1737, na desembocadura da Lagoa dos Patos, marco inicial dos portugueses em terras sulinas (brasileiras), é portadora de uma documentação material e imaterial que está presente na paisagem urbana no recorte espacial que contempla a área do objeto de estudo, os educando da escola da Rede Pública Estadual.

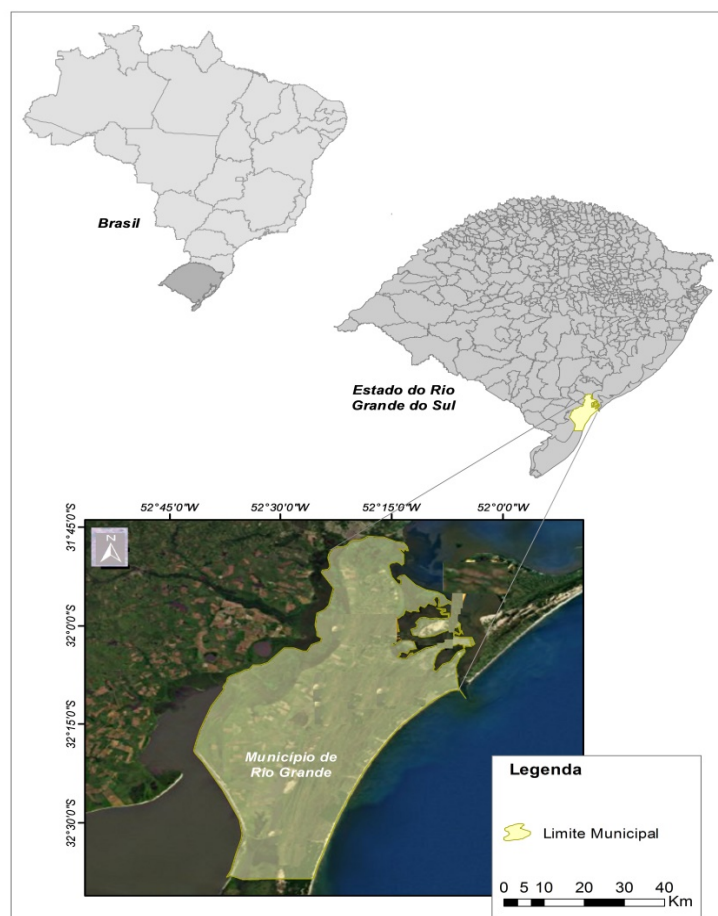
E por a escola ser um objeto rico em conhecimento, e que faz despertar olhares de pesquisa voltados a ela. Através de uma reunião pedagógica em conversa com colegas sobre a identidade com o município, ou seja, a falta de identificação local dos educandos foi que surgiu o interesse pelo tema, ou seja, algo real que está diante dos educadores. E esse fator, causa um *déficit* na aprendizagem e torna as aulas como um cenário estranho ao educando devido à falta de articulação com o fator local. E com este estranhamento, a aprendizagem, neste caso, não se realiza e o que é visto é apenas a decoreba.

Uma vez que, acredita-se que a atuação do educador, neste sentido, deve estar na preocupação em partir do homem e do seu lugar a centralização dos estudos. Vinculados a estes, a uma escala mundial e ressaltando que a esta tarefa deve reforçar os bancos escolares, daí a importância do ensino de Geografia na articulação do local com o mundial.

Desta forma, o estudo articula pesquisa bibliográfica com observações realizadas com as turmas do Ensino Médio ocorridas durante o ano de 2010 e o primeiro semestre de 2011, concretizando assim a pesquisa de campo. E como forma de demonstrar o cerne do espaço escolar, a sala de aula. Para isso, utilizaram-se como objeto central da pesquisa quatro turmas do segundo ano do Ensino Médio, estas formadas por adolescentes e jovens todos naturais do município de Rio Grande-RS. E foi também empregado para a coleta de dados o processo de professor investigador como método para o entendimento dos processos sociais resultantes do conjunto de ações vinculados ao espaço escolar.

Nesta dinâmica, o estudo apresenta-se dividido em três partes: a primeira composta da exposição de fatores sugeridos no período de inserção a comunidade escolar, a segunda relacionada fatos da atividade docente, ou seja, a pouca identificação com o local e a última uma reflexão teorizada sobre este fato encontrado na sala de aula.

Figura 1 - Localização do município de Rio Grande no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: IBGE (2013). Organizado pelo autor, 2014.

A ATIVIDADE DOCENTE E A INSERÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR

Nesta perspectiva, a docência apresenta-se como um sinuoso rio, com tributários (fatores externos a sala de aula) que podem causar o seu assoreamento ou desenvolver melhor a dinâmica de suas águas (aprendizagem), ligando-as a lugares distantes como os caminhos que vão ao encontro do mar da sabedoria. Imbricados nesta concepção dinâmica que dá essência a aprendizagem apresentam-se envolvidos educandos, educadores e escola, pronunciados como elementos geográficos do espaço escolar.

Para isso, o sentido de educação é fundamental no processo de compreensão a inserção na comunidade escolar¹. Assim, a educação no sentido literal do termo, passou ter um papel quase definitivo nas instituições escolares. Pelo fato do cotidiano dos indivíduos na sociedade estarem cada vez mais acelerados e regulados pelo tempo do imediatismo, da máquina, do supérfluo e da relação tempo/espaço menor.

As consequências refletidas na escola são inúmeras, a exemplo do desinteresse dos alunos pelos conteúdos pedagógicos apresentados na disciplina de Geografia, por este não se adaptar, muitas vezes, com a realidade dos mesmos, na medida em que não acompanham o dinamismo brutal de informações dos meios de comunicação de massa, os quais imprimem o reducionismo de informações, mas que trabalham muito bem os principais sentidos humanos que são o auditivo e o visual, representados em um mundo de cores e sons, como atrativos, no entanto, sem exigirem o ato da reflexão pelo o informado.

Outra consequência não menos preocupante está na falta de limites por alguns dos discentes, causada em parte por informações distorcidas desses meios de comunicação e pelo fato dos responsáveis atribuírem à tarefa de impor limite, somente à escola. Em meio a este panorama do ambiente escolar a atividade docente tornasse difícil, mas não prazerosa, porém, o papel do educador, mais do que nunca deve ser ressaltado, com o de intermediador na transição do saber empírico para o saber formal. E mais, é flexibilizado e interligado ao cotidiano do ambiente escolar.

Então, apresentam-se equivocados aqueles que atribuem esta construção do conhecimento um papel exclusivo do docente? Sim, pois, a resposta está na interação do docente com os discentes em um ambiente propício de harmonia e respeito de ambos os saberes, porque não há “docência sem discência” (FREIRE, 2003).

Quando o educando é visto apenas como o receptor dos ensinamentos e informações e o educador é o dono do saber, o discente é então colocado na posição de mero espectador, pois, não participa ou interage com espontaneidade, só manifestam-se quando chamado e apenas responde aquilo que já é esperado dele. Mas, o conhecimento significa a transmissão e retenção de “pequenas pílulas de informação” (LUCKESI, 1994).

E, segundo Freire (1987), o educador que deposita conhecimentos oprime o discente e, mais, este não colabora em nada com o seu desenvolvimento com ser humano. De acordo com Morin (2006, p.36): "A informação é uma noção nuclear, mas problemática. Daí, toda a sua ambiguidade: não se pode dizer quase nada sobre ela, mas não se pode pensar sem ela".

Contudo, a necessidade da pesquisa não é menos importante para o educador, em relação ao discente, já que através dela o docente recolhe material, e principalmente, investiga a comunidade escolar a qual encontra-se inserido. E foi através da pesquisa que foi possível identificar a pouca identificação dos educandos com a cidade encontram-se inseridos.

Desta forma, a pesquisa ou a investigação sobre a comunidade escolar funciona como um divisor de águas entre aulas interessantes e estimuladoras do saber do discente ou bucólica e repetitiva.

E no processo de ensino aprendizagem, a função de professor investigador é importante, principalmente para o nível de ensino em questão, o Ensino Médio. Pois é neste nível da educação que o estudante começa a reflexão com maior aprimoramento sobre o espaço inserido na sociedade, ou seja, uma menção ao objeto da Geografia que é o espaço geográfico, articulado de formas e subjetividades humanas. De acordo com Santos (1997a, p.59):

Os objetos que interessam à Geografia não são apenas objetos moveis, mas também imóvel tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. Esses objetos geográficos são do domínio do que se chama de Geografia Física como do domínio do que se chama a Geografia Humana e através da história desses objetos, isto é, da forma como foram produzidos e mudam, essa Geografia Física e essa Geografia Humana se encontram.

Apesar disto, salienta-se que o espaço carece de cuidado por nele estar presente o cotidiano, ou seja, a representação geográfica da categoria lugar que pelo próprio fato do homem ser histórico e como tal dinâmico e modificador constante das paisagens que de acordo com Silva (1991) torna-as mais humanizada em uma escala de tempo menor que a da natureza nata.

A formação de cidadãos, neste caso, é o ato que vai ao encontro do pensamento de Morin (2006, p. 74), observado na seguinte passagem:

[...] devemos contribuir para a auto formação do cidadão e dar-lhe consciência do que significa uma nação. Mas

também entender estender a noção de cidadania. [...] tal formação deve permitir enraizar, dentro de si a identidade nacional, continental e planetária.

Dentro deste processo, exposto por Morin (2006) deve ser estendido a relação de formação de cidadania do educando, ou seja, a sua identidade, principalmente, sobre o fator local (cidade). Conforme Bourdin (2001, p.13) descreve a escala local, do bairro ou da cidade,

ou da micro região que alguns problemas da vida diária podem ser regulados, por exemplo, os que se referem à organização dos serviços público. A solidariedade e a sociabilidade podem se desenvolver dentro de redes muitas despesas, mas são mais muitas vezes mais fáceis de criar quando se apoiam na vizinhança. Enfim, o quadro local pode servir para se organizarem grupos muitos unido, ou coalizões para a ação. Tudo isso, porém, nada tem de obrigatório e automático. [...] as delimitações da localidade são múltiplas e contingentes. [...] o bairro, a cidade ou a região urbana constituem pontos de referencia relativamente estáveis, mas, conforme os contextos, estes níveis se definem diferentemente, e muitas coisas ou quase nada pode ocorrer ai.

Daí, a importância do professor investigador atuante na sua forma de articulador entre a realidade escolar e os seus anseios. Este sem alterar negativamente a dinâmica do complexo sócio-cultural-escolar ao inserir-se, ou melhor, ao querer realizar suas aspirações pedagógicas sobre a mesma.

No entanto, para haver o entendimento desse recorte espacial, a escola e seus fatores envolvidos, a conversa em forma de questionário aberto com colegas e membros da comunidade escolar foi de grande valia, principalmente, no entendimento de questões que a comunidade, mas que um educador que não tem o seu tempo de atividade docente integral nela não domina. A falta de “vivência” que torna pontos desta comunidade algo obscuro, que, entretanto deve ser desvendado para o desenvolvimento melhor da sua atividade.

Desta forma, é exemplificado tal fato através da lista de frequência no relato de um educador:

Quando recebi a lista de frequência da turma fiquei contente com o número de alunos que estavam

matriculados, mas na primeira aula me deparei com a realidade, um elevado número de ausentes. Em conversa com diversos profissionais da escola desvendaram a questão, até então obscura na minha percepção em relação ao assunto, enquanto para a escola era algo habitual e traduzível/explicável. E mais os funcionários expressaram que muitos alunos só matriculavam-se para adquirirem acesso ao serviço de empregos, sob a forma de estagiários e também para terem acesso ao transporte através do passe escolarⁱⁱⁱ.

Sobre o mesmo fato foi destacado através do seguinte relato:

Na turma que ministrava aulas, através de um questionário aplicado aos educandos, tive o quadro em relação ao bairro que pertenciam (habitavam), e para surpresa o contingente de alunos que moravam em bairros distantes dos arredores da escola abrangia um número superior a 70%, entre os que estavam matriculados e haviam frequentado pelo menos a um mês de aulas^{iv}.

Com isto, os relatos reafirmam que só é possível uma relação criativa e ativa de docência com o envolvimento não só na sala de aula, mas na comunidade escolar como um todo. Na busca de articular as subjetividades e culturas que envolvem o recorte espacial sala de aula.

Este recorte espacial, que sofre mudanças devido ao compasso acelerado do mundo atual, ou seja, as visões fragmentadas e simplificadas através dos códigos, ou seja, símbolos, estes frutos da globalidade, saltam ao olhar, porem ofuscando realidades próximas.

Assim, a globalidade dirige parte da sociedade como um instrumento sistematizado que é presente também na educação. Corroborando com este pensamento, através de Bourdieu (2006, p. 137) é possível compreender a globalidade na seguinte passagem:

[...] é o espaço de relações o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se apagam em trabalho, em esforços e, sobretudo tempo (ir de baixo para cima é guindar-se, e trazer marcas ou os estigmas desse esforço). Também as distancias se medem em tempo (de ascensão ou de reconversão) [...].

A SALA DE AULA E O PODER DA INFORMAÇÃO GLOBALIZADA

Mediante a este fator aludido sobre a globalidade, expor os acontecimentos da pouca identificação dos discentes com o local é pertinente, ao estudo do espaço sala de aula. Pois, o local nele “tratado como um objeto real, que se impõe a nós, por seu caráter natural, por sua necessidade antropológica ou cognitiva, por sua duração” (BOURDIN, 2001, p. 50).

Mediante a isso, os eventos que ocorreram durante a análise das quatro turmas do segundo ano do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Ensino, duas do turno da manhã e duas do turno da tarde. Podem ser ainda compreendidos e descritos como, “algo que sempre expressa apaticamente alguma outra coisa, e com isso obscurece o caráter transformador do conhecimento do conhecimento” escolar (SANTOS, 1994, p.43).

Deste modo, o espaço sala de aula este espaço pode ser denominado geograficamente como o “micro recorte espacial” do encontro ao saber, o qual apresenta momentos de encantos e também de espanto. Portanto, numa aula da disciplina de Geografia no turno da manhã sobre impactos ambientais, em especial, na área urbana demonstra a relação de espanto na seguinte narrativa:

Ao fazer um questionamento à turma sobre poluição do ar vinculando a escala local: Encontramos agentes que possam levar a poluição do ar na nossa cidade? Um discente respondeu: A poluição do ar era coisa de cidade como São Paulo, que ele havia visto na televisão que a circulação de automóveis lá era maior. Na cidade do Rio Grande não tem poluição do ar. E quando questionados sobre a localização das indústrias, o distrito industrial da cidade para associar ao assunto da poluição do ar. Tive um “pasma”, pois, pois muitos estudantes não souberam responder. Outros mencionaram que distrito industrial só havia apenas nas grandes cidades de países como os EUA, Canadá e China que haviam visto na televisão^v.

A percepção de tal fato deve-se à metodologia aplicada nas aulas, em outras palavras, de instigar a reflexão dos estudantes na sala de aula. Essa forma realizada, através de questionamentos e debates sobre os conteúdos ministrados. E com isso, dirige uma leitura do local nos assuntos trabalhados em sala de aula, na condição de tornar mais concretas e não abstratas.

Mesmo assim é possível observar com a narrativa que os estudantes não interpretam a “cidade real”, ou seja, eles têm com elementos de identificação algo distante que são neste caso os fatores de uma cidade de outro estado e não os da sua cidade, no caso, a cidade do Rio Grande, que apresenta um grande

distrito industrial repleto de indústrias de adubo as quais emitem muita poluição a cidade, causando inúmeros casos de doenças respiratórias na cidade, principalmente, aos bairros mais próximos a ele.

Este fato é compreendido como fruto “por um achatamento da paisagem, pela própria velocidade de movimento urbano que, reproduzido pelas transmissões, dificulta a distinção das coisas, entre as quais as próprias imagens se eliminam por excesso” (ALVES, 2006, p.137).

Perante esta análise, foi possível observar maior aproximação com elementos fora da escala local está presente, principalmente, nas turmas que apresentavam estudantes globalizados midiáticos, pois, estes se apresentam interligado com o mundo estatisticamente, mas concretamente apresenta má aplicação destes recursos da modernidade. Assim, os recursos modernos do conhecimento passam a ser a janela ou portal da realidade próxima a ele sendo o da televisão e o do monitor do computador.

De acordo com Alves (2006, p. 136) este fenômeno ocorre porque,

as imagens da cidade, não são mais produzidas pelo homem que com seu olhar natural capta um fenômeno, que, juntamente com uma série de outras vivências e representações, ajuda a construir uma imagem. Há hoje uma tendência de que o homem, em vez de ver o fenômeno em si, o enxergue pela câmera de TV. Tendemos a ver aquilo que já nos chega como imagem, uma construção de outros sossegadamente, em nossos lares, pelos aparelhos de TV. [...] com auxílio da tecnologia, os fatos são transformados em imagem que, tendencialmente, apresentam-se como o olhar do mundo.

Por outro lado, a resposta para esta solução foi reapresentar a cidade para os discentes. Como? Essa realizada, através da saída de campo e também através do recurso tecnológico do projetor. Para esse caso foram utilizados os dois recursos, pois, os alunos registram na saída de campo através de imagens e depois apresentaram a turma em grupos.

Entretanto, quando o assunto, entre outras palavras, o conteúdo envolvia uma escala de análise regional e principalmente global, os jovens estudantes possuíam uma articulação maior em sala de aula, utilizando de fato da apropriação, ou seja, como pessoas que se identificam com estes recortes espaciais mais distantes, mesmo sem conhecê-los em lócus.

Assim, por esse conjunto de assuntos interligados a questão ambiental serem presentes e noticiados em todos os lugares do mundo. Neste sentido, foi

evidenciada a relação de poder da mídia em geral, e a apropriação do aluno aos conceitos prontos e reducionistas intermediados por esta fábrica de massificação sociocultural, denominada mídia. E que é o símbolo do,

verdadeiro milagre produzido pelos atos de instituição reside sem dúvida no fato de que eles conseguem fazer crer ao indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa. Todavia, por uma espécie de maldição, a natureza essencialmente diacrítica, diferencial, distintiva do poder simbólico faz com que o acesso da classe cultivada ao Ser tenha como inevitável contrapartida a queda da classe complementar no Nada ou num Senhor Menor (BOURDIEU, 2008, p. 106).

De forma, que o exercício aplicado em uma das aulas em que a questão era citar um exemplo de impacto ambiental, esclarece melhor a influência reducionista por este símbolo de massificação. E sobre este fato as respostas foram encontro da globalidade e seu poder de reducionismo informacional. Com isto, foram apresentadas às seguintes respostas pelos estudantes para o questionamento:

A derrubada de florestas a que ocorrem com maior frequência.

A destruição da Terra.

A influência do homem no meio ambiente.

A degradação que a natureza sofre com a chegada do homem e seus progressos.

O derretimento das calotas polares causada pela ação do homem^{vi}.

Esta identificação com os fatos de escala global pelo estudante e a não articulação com o lugar. Segundo Santos (1997b, p. 20), pode ser definido como,

a extensão do conhecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial; outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. O lugar, e a região, não são mais o fruto da solidariedade

orgânica, mas de uma solidariedade regulada ou organizacional.

Desta forma, é possível imbricar o que foi mencionado por Milton Santos ao que expressa Brandão (1984, p.71): “o que existe de fato são exigências sociais de formação de tipos concretos de pessoas na e para a sociedade”. E mais corroborando com o autor como educador deve-se fugir, ou melhor, ignorar essa dinâmica alienadora, presente também nos espaços de ensino, como é o caso em questão da escola.

No entanto, a escola apresenta-se ainda como uma organização reguladora o na sociedade. Mas, essa não compreende, em muitos casos, o que está ao seu redor, torna-se válvulas de escape para a massificação dos conhecimentos que apresenta como uma de suas consequências à formação de identidades alteradas^{vii}, ou seja, a identificação e apropriação de elementos distantes do seu local pelos estudantes (ALVES, 2006).

A POUCA IDENTIFICAÇÃO LOCAL

Perante aos cenários de docência descritos e analisados anteriormente, realizados nas aulas de Geografia, e por esta ciência ser ampla em interligação com outras ciências do conhecimento, a exemplo da História, Biologia entre outras. Ela possui seu foco nas manifestações do homem no espaço com a centralização de seus estudos geográficos, articulados a escala local, e mais, interpretando e desvelando-os, através dos seus elementos históricos sociais. Elementos que vão ao encontro da concepção de cultura e diversidade, mencionados por José Luiz dos Santos (1994, p.67) da seguinte forma: “sendo uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduzem os grupos humanos e a suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”.

Mediante a este fato, a identidade deformada surge, fruto das interligações globalizadas^{viii}, onde o palco de atuação a escala de análise geográfica lugar (local) dos atores sociais (os estudantes) passa despercebido e desvinculado da relação de pertencimento. Não esquecendo, que este processo também é fruto de uma sociedade entregue também aos determinismos materiais, o seja símbolos culturais que saltam a visão social. Estes que são “os instrumentos de excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação [...]” (MORIN, 1999, p. 31).

De modo, que o tempo que é percorrido nesta conjuntura de simbolismos imediatos e midiáticos, é o do planejamento da máquina, do supérfluo, da relação tempo/espaço menor. É o futuro que é procura-se alcançar a cada dia, mas sem desfrutar do presente, “é o resultado também da banalização da invenção, do

perecimento prematuro dos engenhos e das suas sucessões alucinantes [...]. Daí, a sensação de um presente que foge” (SANTOS, 1997b, p. 15).

A globalidade se apresenta neste panorama para impor a sua massificação, mas se equivocam aqueles que a cultuam como senhora suprema, pois, são os atores sociais (os indivíduos) e os lugares que se globalizam, e mais o entendimento do mundo moderno está atrelado ao lugar, daí a sua complexidade dialética de imposição e exclusão dos recortes espaciais, ou seja, dos lugares por fatores sociais econômicos e culturais.

Mas infelizmente, é dentro deste contexto que se encontra a sociedade e conseqüentemente, a escola, que aparece como micro cidade retalhada em seu espaço e articulada por um modelo estagnado resultado de uma estrutura de viés tradicional a qual mantém seus muros elevados, e escancara felizmente o seus portões para o recebimento das diferentes formas socioculturais, só que esta atua como uma balança descalibrada que não alcança a medida precisa para as diversas realidades que a cerca ao seu redor.

Com isto, é possível encontrar como resultado desta ação ou processo, as diversidades expressadas como a pouca identificação dos discentes com o lugar a cidade. Mas um questionamento perante este ponto é pertinente: Será que é só por parte dos discentes? Será que os educadores também não fazem parte deste *déficit*? Já que como foi abordada anteriormente a escola apresenta-se enraizadas no viés tradicional.

E mais, a escola torna-se pouco atrativa para muitos estudantes, tornando-se apenas uma carga horária que muitos jovens cumprem por imposição social e familiar. Assim, como instituição social, a escola carece ser dinâmica e capaz de formar estudantes capazes de analisar e interpretar as realidades que envolvem o seu cotidiano o “seu espaço próximo”, pois neste espaço denominado lugar que é formado e vivenciada a globalidade e não de forma contraria (CARLOS, 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou como marca uma busca de dialogar com a instituição escola, mas no seu cerne, ou seja, onde ocorrem os elementos locais da relação ensino-aprendizagem que é a sala de aula. Para isso, não se propôs

com isso determinar uma nova *práxis* metodológica de aprendizagem, e sim, salientar elementos deste cerne escolar que podem passar despercebido na atividade docente, principalmente, para os educadores ligados as Ciências Humanas, com foi apresentado aqui o das aulas da disciplina de Geografia como o exposto.

Com isso, pôde-se entender que o espaço urbano rio-grandino, no caso, o escolar, é abrangido como um produto social e histórico. E, sobretudo, como resultado da atividade de uma linha de gerações que, através de seus atos socioculturais, têm atuado sobre ele e diferencia-o, humanizando-o, tornando-o, uma obra cada vez mais afastada do meio natural, ou seja, da identificação com o local.

Desta forma, a escola foi compreendida como uma composição que transcende as representações materiais e, como uma forma cultural, que manifesta uma ordenação de valores sociais os quais, às vezes, não são compreendidos, a exemplo da dificuldade dos estudantes.

A apresentação da desvinculação de elementos próximos aos estudantes foi ressaltada no estudo por ser considerada um, de um sentido voluntário por parte da comunidade que não vê o seu local, por isso não o interpreta. Assim, o enclave, destes cidadãos rio-grandino na aprendizagem adquire um caráter de micro e macroestruturas locais determinadas por uma realidade urbana e esta, por conseguinte, é uma realidade que é caracterizada pela separação dos espaços produzidos sócio e culturalmente, mas que constitui o ponto de partida para uma concentração cultural da sociedade contemporânea.

Neste sentido, procurou-se referenciar a questão de importância articulada aos autores das Ciências Sociais e Humanas, não como um esboço acabado, mas como ponto de partida para futuros estudos sobre o referido tema. Com isso, ao demonstrar o fator da globalidade, representado no poder da mídia e a sua comunicação alienante presente na sala de aula através da fala dos estudantes e da fala de educadores, buscou-se de forma sucinta evidenciar também esta forma reducionista do conhecimento que fragmenta o lugar, e apresenta como resultado de seu processo na escola a pouca identificação dos estudantes com o local.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. da A. Cidade, cotidiano e TV. In: CARLOS, A. F. (org.). A geografia na sala de aula. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 134-144.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Traduzido por Fernando Tomaz. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

_____. A Economia das Trocas Linguísticas: O que falar quer dizer. Traduzido por Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOURDIN, A. A questão local. Traduzido por Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARLOS, A. F. O lugar: modernização e fragmentação. In: SANTOS, M. (org.). O novo mapa do mundo: fim de século e globalização. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Traduzido por Eloá Jacobina. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

_____. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Traduzido por Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

SANTOS, J. L. dos. O que é cultura. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997a.

_____. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: _____. et. al. (orgs.). O novo mapa do mundo: fim de século e globalização. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.

SILVA, L. R. da. A natureza contraditória do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 1991.

Contato com o autor: Rogério Amaral Pereira <rogerioappixote@hotmail.com>

Recebido em: 22/04/2016

Aprovado em: 20/06/2016

-
- ⁱ Grupo de pessoas considerado, dentro de uma formação social complexa, em suas características específicas e individualizantes. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa, 2004.
- ⁱⁱ Grifo do autor para se referir ao tempo de convívio na comunidade escolar inserida.
- ⁱⁱⁱ Extraído do diário de campo em entrevista concedida ao autor em agosto de 2010.
- ^{iv} Extraído do diário de campo em março de 2011.
- ^v Extraído do diário de campo em maio de 2011.
- ^{vi} Extraído do diário de campo em maio de 2011.
- ^{vii} Relacionado ao processo de distorção do processo das produções sociais, o qual na medida em que emerge, produz uma humanidade disforme fornecendo, assim, uma linguagem e a cultura alterada da dimensão real do indivíduo.
- ^{viii} Menção a definição de globalização segundo Milton Santos (1997) a qual acontece de forma seletiva, mas, que é comandada por uma totalidade denominada capitalismo no espaço mundial.